



**O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO
NA TRADIÇÃO DO MOVIMENTO
DE SANTIDADE: UMA PERSPECTIVA
DE CRISE-PROCESSO-CRISE**

Dr. Vinicius Couto

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE: UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

Vinicius Couto¹

RESUMO

A doutrina bíblica do batismo com o Espírito Santo tem sido majoritariamente discutida numa perspectiva do Movimento Pentecostal do século XX. Contudo, há outras tradições cristãs que acreditam nessa promessa neotestamentária desde outra ótica. Nesse sentido, o presente artigo faz uma apresentação da perspectiva do Movimento de Santidade a partir da história da teologia, apontando para os desenvolvimentos wesleyano e fletcheriano acerca do batismo com o Espírito Santo e sua consolidação na tradição *Holiness*. Nossa compreensão é que, na tradição mencionada, o batismo com o Espírito é caracterizado pela noção de *crise-processo-crise*, sendo bem mais complexo do que a ideia comum de “duas bênçãos” ou “duas obras da graça”. Com base nisso, também discutimos a respeito da abordagem inerente à “inteira santificação” – e a controversa ideia de impecabilidade – e sobre intuições atuais dessa doutrina na tradição wesleyana de santidade.

Palavras-chave: Holiness; John Wesley; John Fletcher; Movimento de Santidade; Batismo com o Espírito Santo.

ABSTRACT

The biblical doctrine of the baptism with the Holy Spirit has mostly been discussed from the perspective of the 20th century Pentecostal Movement. However, there are other Christian traditions that believe in this New Testament promise from a different perspective. In this sense, this article presents the perspective of the Holiness Movement from the history of theology, pointing to the Wesleyan and Fletcherian developments regarding the baptism with the Holy Spirit and its consolidation in the Holiness tradition. Our understanding is that, in the mentioned tradition, the baptism with the Spirit is characterized by the notion of *crisis-process-crisis*, being much more complex than the common idea of “two blessings” or “two works of grace”. Based on this, we also discuss the inherent approach to “entire sanctification” – and the controversial idea of sinlessness – and

¹ Pós-doutorando em Educação, Artes e História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, Mestrando em Educação pela UMESP, Bacharel em Teologia pela Faculdade Nazarena do Brasil e Licenciado em História pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Professor da Faculdade Evangélica de São Paulo (FAESP) e do Seminário Teológico Nazareno do Brasil (STNB).



current insights into this doctrine in the Wesleyan holiness tradition.

Keywords: Holiness; John Wesley; John Fletcher; Holiness Movement; Baptism with the Holy Spirit.

INTRODUÇÃO

O Movimento de Santidade surgiu no século XIX, quando muitos europeus imigravam para a América do Norte no século anterior em busca do sonho americano. Esse movimento tem sido considerado integrante do Segundo Grande Despertar e, juntamente, com os outros representantes deste reavivamento, enfatizava a maldade inerente do ser humano (pecado original / depravação total), a extrema necessidade da graça precedente para a salvação, a experiência pessoal de conversão (arrependimento e fé) culminando na salvação pela graça mediante a fé (regeneração, justificação e adoção), uma vida de retidão moral que glorificasse a Deus e uma vida de santidade social que impactasse o meio no qual as pessoas estavam inseridas.

Neste período, alguns grupos passaram a defender uma segunda experiência distinta da conversão. Nesta nova experiência, adeptos do Movimento de Santidade acreditavam que as pessoas seriam revestidas do poder do Espírito Santo e empoderadas para o serviço; além de serem purificadas da enfermidade inata e aperfeiçoadas para a vida cristã. Esta segunda experiência passou a ser denominada de “batismo com o Espírito Santo” e também foi uma releitura da forma como John Wesley (1703-1791) desenvolveu sua teologia da santificação. Enquanto Wesley parecia entender que o tal batismo com o Espírito (embora ele mesmo não tenha usado essa terminologia) ocorresse simultaneamente com a conversão numa única crise / experiência, os wesleyanos posteriores redefiniram suas ideias numa perspectiva de causa x efeito, advogando duas crises.² Ao que parece, para Wesley, a

2 No início do século XX outro grupo de raízes wesleyanas passou a defender uma terceira crise. Para eles, a primeira crise era a conversão, a segunda era a inteira santificação e a terceira era o batismo com o Espírito evidenciado pelo falar em línguas. Esse novo movimento (Pentecostal-Holiness) teve como principal líder, o ex-metodista Charles Fox Parham, que denominou a nova doutrina de três crises como “Fé Apostólica”. William Seymour, do “avivamento da rua Azusa” foi seu aluno. Atualmente, a maior denominação religiosa dos EUA deste segmento é a Church of God in Christ.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

ênfase se dava mais no processo, isto é, na continuidade da vida cristã, do que em crises subsequentes. Contudo, o Movimento de Santidade norte-americano passou a enfatizar mais as crises do que a questão processual.

É válido destacar o uso da expressão “crise” neste artigo. O vocábulo “crise”, além de remeter a momentos conturbados, está associado a outros sentidos negativos, como agravamentos da saúde, problemas emocionais, sociais, conjunturas perigosas, desacordos etc. No entanto, essa palavra vem do grego, κρίσις (*krisis*), cuja etimologia também aponta para a noção de algo decisivo, razão pela qual usamos a expressão “crítico”, possibilitando o uso positivo do vocábulo. Cresswell, no *Oxford Dictionary of Word Origins*, elucida que, “crise”, em “seu sentido mais geral, ‘ponto decisivo’, data do início do século 17” e destaca que “a fonte etimológica é o grego *krisis*, ‘uma decisão’, que deriva de *krinein*, ‘decidir, julgar’, que também é a raiz de *crítico*” (Cresswell, 2021, p. 320). É, portanto, naquele sentido de *decisão* que tratamos essa palavra, a qual, na perspectiva comum do Movimento de Santidade do século XIX, era corriqueiramente usada para representar uma “experiência marcante”, um “evento”, um “momento decisivo”.

Tal tensão (crise x processo) ainda permeia o movimento wesleyano contemporâneo e, nosso objetivo, neste artigo, é apresentar, também, como ela tem sido discutida e tratada dentro do Movimento de Santidade desde o século XVIII, começando por Wesley, comparando sua perspectiva com a de seu amigo John Fletcher (1729-1785) e passando pelos adeptos do Movimento de Santidade dos séculos XIX, XX e XXI. Vale ressaltar que o texto não está analisando a posição específica de uma denominação evangélica, mas posicionamentos históricos e tendências contemporâneas de um movimento interdenominacional, que é o Movimento de Santidade.



1. DE UMA ÊNFASE CRISTOCÊNTRICA PARA PNEUMOCÊNTRICA: A MODIFICAÇÃO DO PENSAMENTO WESLEYANO NO MOVIMENTO DE SANTIDADE E SUA INFLUÊNCIA FLETCHERIANA

A renovação da imagem de Deus é um dos pontos centrais da teologia de John Wesley. Nisso estão de acordo diversos teólogos dos variados ramos do movimento wesleyano. Outler³ (1985, p. 185) testificou que a renovação da *imago Dei* é “o tema axial da soteriologia de Wesley”. Cannon⁴ (1946, p. 129), elucidou que a maior preocupação de Wesley era a de que “o ser humano tenha sido convertido de seu orgulho e egoísmo e renovado à imagem moral e espiritual de Deus”. Runyon⁵ (2012, p. 149) atestou que o pensamento de Wesley admitia que o cristão deveria “retratar ou refletir a imagem divina por meio das vidas transformadas no mundo” e que “a renovação da criação e das criaturas mediante a renovação da *imago de Deus* na humanidade como a própria essência do cristianismo” (Runyon, 2002, p. 16). Oden⁶ (2012, p. 176) salientou que, para Wesley, a “coisa mais necessária é a restauração da imagem caída”. Snyder⁷ (1996, p. 144) confirmou esta centralidade da *imago Dei* em Wesley dizendo que “a criação da humanidade conforme a imagem de Deus era fundamental para Wesley” e que “o verdadeiro cristianismo é [...] a imagem de Deus estampada nos corações”. Mann⁸ (2006, p. 138) confirmou que “refletir a imagem de Deus tem sempre sido central na soteriologia armínio-Wesleyana”. E, finalmente, Dunning⁹ (2015, p.

3 Albert C. Outler (1908-1989), um importante teólogo da Igreja Metodista Unida, quem cunhou o termo “Quadrilátero Wesleyano”. Foi professor na Duke University, Yale University e Southern Methodist University.

4 William Ragsdale Cannon (1916-1997) foi teólogo da Igreja Metodista Unida, professor da Emory University e da Candler School of Theology, onde acumulou o cargo de reitor, além de ter servido como Bispo da Igreja Metodista Unida.

5 Theodore H. Runyon (1930-2017), foi teólogo da Metodista Unida, tendo atuado como professor da Candler School of Theology.

6 Thomas C. Oden (1931-2016) foi outro importante estudioso de Wesley, teólogo da Igreja Metodista Unida, tendo atuado como professor na Drew University e em várias outras instituições de tradição wesleyana.

7 Howard A. Snyder é teólogo da Igreja Metodista Livre, tendo lecionado no Asbury Theological Seminary e tendo já atuado no United Theological Seminary (Trotwood), North Park Theological Seminary (Chicago) e Tyndale Seminary (Toronto).

8 Mark Mann é teólogo da Igreja do Nazareno, professor da Point Loma University.

9 H. Ray Dunning (1926-atualmente) é teólogo da Igreja do Nazareno, que atuou como professor da Trevecca Nazarene University.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

37), atestou a importância da imagem de Deus para Wesley, alegando que este “pontuava repetidamente que a finalidade (*telos*) de Deus é produzir a renovação da imagem de Deus em nossas vidas” e concluiu que, “deste modo, Wesley definia a essência da vida cristã como uma atividade divina de renovar os seres humanos à imagem de Deus”.

Wesley, entretanto, entendia que o início dessa transformação, isto é, a renovação da imagem de Deus, ocorre quando o indivíduo se converte a Cristo. A ideia é que, como o ser humano fora criado *conforme* a imagem de Deus e tal imagem se tornara *disforme* com a queda, a regeneração opera a *reforma* da imagem divina, de modo que o objetivo (*telos*) divino é que os seres humanos cheguem até a estatura do varão perfeito (cf. Gn 1:26; Rm 8:29; Ef 4:13). Essa perspectiva de Wesley é centrada em Cristo, visto que Ele é a imagem de Deus (cf. 2 Co 4:4; Cl 1:15). Sendo assim, por mais que tal experiência de regeneração seja instantânea, há um processo a ser percorrido, visto que a instantaneidade também produziu efeitos graduais, de modo que o próprio Wesley não concebia a ideia de uma perfeição estática. Tal compreensão de Wesley era oriunda de uma espécie de dialética entre as posições do cristianismo patológico oriental, do catolicismo medieval e da perspectiva da Reforma Protestante:

Wesley interpretava a santificação em termos de amor (como Tomás [de Aquino]) e como a transformação do ser (como os Pais Orientais), mas sempre no contexto da justificação pela graça, através da fé (como os Reformadores). Todos eles foram fundidos em um entendimento teológico único, que levava a sério o estado caído da natureza humana e o poder de Deus, juntamente como ensino bíblico sobre a ética perfeccionista (DUNNING, 2019, p. 445).

Por isso, embora Wesley não tenha usado a expressão “batismo com o Espírito Santo”, os estudiosos de seu pensamento têm alegado que sua compreensão de perfeição cristã ou restauração da imagem de Deus seja compatível com a ideia desse batismo. Wesley mesmo, em seu sermão *O testemunho do nosso próprio espírito*, definiu santidade como sendo “a recuperação da imagem de Deus, uma renovação da alma ‘em busca de seu semblante’” (Wesley, 2006). Sendo assim,



Maddox¹⁰ (1994, p. 177) assevera que “o ‘batismo’ da presença renovada do Espírito”, para Wesley, “ocorre no início de nossa vida cristã e fornece o poder indispensável para o crescimento da santidade ao longo de todo o Caminho da Salvação – incluindo a obtenção potencial da perfeição cristã”.

Na época de Wesley, “alguns de seus seguidores começaram a desenvolver uma interpretação da vida cristã que levou a uma reorientação significativa de sua própria perspectiva”, resultando “numa bifurcação da tradição wesleyana que continua até os dias de hoje” (Dunning, 2004, p. 181-182). Podemos citar como contemporâneos de Wesley os senhores John Fletcher (1729- 1785) e Joseph Benson (1749-1821). O primeiro era amigo íntimo de Wesley e foi cogitado para ser seu substituto na condução do Movimento Metodista, mas acabou falecendo antes de Wesley. O segundo foi um importante líder do movimento e que se tornou amigo de Fletcher. Wesley até escreveu para ambos, contestando a forma como eles entendiam a recente doutrina da “segunda bênção”.¹¹

O amigo de Wesley tinha uma compreensão da ação de Deus na história de modo mais peculiar. Ele entendia que o *modus operandi* divino se deu de maneira dispensacional (embora isso nada tenha a ver com a visão posterior de John Nelson Darby). Para Fletcher, três eram as dispensações: 1) a do Pai, por meio de quem a Lei foi dada; 2) a do Filho, o qual por meio de seu sacrifício expiatório inaugurou uma aliança de justificação e de remissão de pecados; e 3) a do Espírito Santo, que após ter sido derramado no dia de Pentecostes inaugurou uma nova era de empoderamento para a Igreja (Fletcher, 1859, vol. 2, p. 19, 251). Para Fletcher, a última dispensação proveu o cumprimento das dispensações anteriores, visto que Jesus havia dito para que seus discípulos aguardassem em Jerusalém até que a promessa do Pai fosse concretizada (cf. Lc 24:49). Comentando sobre Joel 2, Mateus 3:11 e Atos 1:4-5, Fletcher disse que o cumprimento dessas promessas acerca do derramamento do Espírito é “um espéci-

10 Randy Maddox já foi da Igreja do Nazareno e atualmente é membro da Igreja Metodista do Sul, além de professor de estudos wesleyanos e de história da Igreja na Duke Divinity School.

11 A carta para Benson pode ser vista em WESLEY, 1931, vol. 5, p. 214-215. E uma das cartas para Fletcher pode ser vista em: WESLEY, 1931, vol. 6, p. 146.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

me de poder o qual introduz os crentes ao estado da perfeição cristã” (Fletcher, 1859, vol. 6, p. 165). A partir de tal compreensão dispensacional, Fletcher passou a defender uma “segunda bênção”, a qual ele mesmo chamou de “batismo com o Espírito Santo”, identificando a “inteira santificação” como efeito desta segunda experiência / crise.

Para Wood¹² (2002, p. 49), esta nova interpretação fletcheriana era, na verdade, uma releitura de como o puritano John Goodwin enxergava a expressão bíblica de “ser cheio do Espírito”. Em sua obra *A being filled with the Spirit* (Uma pessoa cheia do Espírito), Goodwin conclamava os cristãos justificados a andarem cheios do Espírito, pois desta maneira, seus corações seriam perfeitos em amor. Para Fletcher, essa expressão poderia significar tanto o novo nascimento como o batismo com o Espírito. Wesley, em contrapartida, alertou que era necessário tomar cuidado, pois a “expressão não é escriturística e nem apropriada, pois todos eles ‘receberam o Espírito Santo’ quando foram justificados” (Wesley, 1931, vol. 5, p. 228). Mesmo assim, Fletcher interpretava que o tal batismo era uma segunda experiência, que ocorreria posteriormente à justificação. Nas palavras dele:

[...] se alcançarmos o pleno poder da piedade, e nos tornarmos pacíficos como o Príncipe da Paz e misericordiosos como nosso Pai celestial, seguiremos rumo à perfeição e à glória do cristianismo; entremos na plena dispensação do Espírito até vivermos na glória pentecostal da Igreja, até que sejamos batizados com o Espírito Santo, até que o Espírito de queima e o fogo do Divino amor nos derretam e sejamos verdadeiramente lançados no mais suave molde do Evangelho, até que possamos dizer com São Paulo: “Recebemos o Espírito de amor, de poder e de mente sã”; até então seremos crentes carnis e não espirituais (Fletcher, 1859, vol. 5, p. 206).

A compreensão de Fletcher sobre duas categorias de crentes inaugurou uma reinterpretação na experiência cristã, a qual podemos definir como *crise-processo-crise*. E esse ponto não foi menos controverso do que a questão da segunda bênção. Maddox (1999, p. 96) comenta que, ao publicar o texto de Fletcher “*An essay on Truth*” (Um ensaio sobre a Verdade), Wesley eliminou todas as seções que faziam tal distinção de duas categorias de crentes, i.e., carnis e es-

12 Laurence Wood é ministro da Igreja Metodista Unida e professor de Teologia Sistemática do Asbury Theological Seminary.



pirituais. Jantz¹³ (2014, p. 233) fez uma boa definição de “crise” para o Movimento de Santidade: “é um momento definido, uma experiência [...] com data, horário e local. É uma mudança instantânea, depois da qual não somos mais os mesmos”. A primeira crise é a que a pessoa, por influência da graça preliminar (preveniente + convincente), quer sair das trevas para a luz, da perdição para a salvação. Essa crise leva a pessoa a se render ao senhorio de Cristo, de modo que, sendo justificada, passa por um processo de nova consciência. Esse neófito entra em uma nova crise posteriormente, ao perceber que, mesmo justificado, ainda está sob o poder do pecado, de modo que a carnalidade ainda vence as batalhas. A nova crise é o desejo de se libertar desse pecado inato e de ser inteiramente santificado.

O Movimento de Santidade estadunidense foi bastante influenciado pela ênfase de Fletcher numa segunda crise. O Bispo da antiga Igreja Metodista Episcopal, George O. Peck (1797-1876), tornou-se, na década de 1850, como explicou Smith¹⁴ (1978, p. 106), “o primeiro metodista, desde John Fletcher, a igualar a experiência da inteira santificação com o batismo no Espírito Santo”. Contudo, desde o final da década de 1830, a Sra. Phoebe Palmer vinha pregando sobre essa segunda crise experiencial e influenciando muitos metodistas por meio de sua mensagem. Leclerc¹⁵ (2010, p. 92) destaca que, Palmer alegou ter experimentado a “inteira santificação” em 27 de Julho de 1837, chamando essa data de “Dia D” (expressão que vai muito bem ao encontro da noção *Holiness* de “crise”). A maior influência da Sra. Palmer em seus estudos foi fletcheriana e, de acordo Heath¹⁶ (2010, p. 5), isso “pode ser confirmado a partir da quantidade de vezes que Palmer cita Fletcher e por alguns pontos da teologia dela, que as obras de Fletcher foram mais influentes em sua vida do que as de Wesley”.

13 Adam Jantz é teólogo nazareno e professor na Korea Nazarene University.

14 Timothy Smith (1924-1997) foi ministro da Igreja do Nazareno e atuou de maneira prolífica no campo da historiografia, tendo recebido inúmeras premiações. Ele atuou como professor em instituições como Eastern Nazarene College, East Texas State University, University of Minnesota e Johns Hopkins University.

15 Diane Leclerc é teóloga nazarena e professora de Teologia Histórica na Northwest Nazarene University.

16 Elaine Heath é professora de teologia pastoral na Duke Divinity School e pesquisadora da área do cristianismo místico, especialmente da Sra. Phoebe Palmer.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE: UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

Como se pode perceber, a posição de Wesley era cristológica no que tange ao batismo com o Espírito, mas houve uma guinada pneumatológica desde Fletcher até o Movimento de Santidade estadunidense. De acordo com Dunning (2004, p. 182), “o entendimento de John Wesley sobre a vida cristã era cristológico em seu foco e ênfase, ao passo que os desenvolvimentos do século XIX na tradição wesleyana tornaram suas ênfases primariamente pneumatológicas”. Staples¹⁷ (1979, p. 5) também reconheceu que, no século XIX houve uma mudança da ênfase cristológica para a pneumatológica no Movimento de Santidade e que isso abriu as portas para o questionamento de qual seria a evidência desse batismo. A ênfase wesleyana clássica era no fruto do Espírito e isso fazia todo sentido nessa perspectiva, visto que a santidade era definida frequentemente como a semelhança de Cristo, ou como a restauração da imagem de Deus. Entretanto, precisamos reforçar que a guinada não se deu meramente com o Movimento de Santidade, mas com o próprio Fletcher, em sua teologia dispensacional trinitária e sua ênfase peculiar na era do Espírito.¹⁸

2. O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO COMO UM RITO DE PASSAGEM: A ÊNFASE DO MOVIMENTO DE SANTIDADE NA CRISE DA SEGUNDA BÊNÇÃO

Maddox (1994, p. 337) afirma que, “o ramo metodista da família de Santidade tendeu a seguir Fletcher em igualar a inteira santificação com o Batismo no Espírito”. E Dunning (2004, p. 201) apontou que, “os pregadores e professores dos avivamentos de Santidade nos Estados Unidos começaram a falarem uníssono sobre a inteira santificação como o ‘batismo com o Espírito Santo’” e “enfatizaram seu significado como sendo tanto instantâneo como subsequente à conversão, bem como uma ‘segunda obra da graça’”. A nova ênfase na segunda *crise*, a despeito do *processo*, fez com que alguns expoentes chamassem essa experiência de “salvação plena” e também com que formulassem métodos para “encurtar” o caminho para essa nova experiência

17 Rob Staples (1929-2015) foi um teólogo nazareno e atuou como professor de Teologia Sistemática e de Teologia Wesleyana no Nazarene Theological Seminary.

18 Para mais informações históricas das controvérsias sobre o batismo com o Espírito Santo entre Wesley e Fletcher, bem como no Movimento de Santidade ver MATTOS, 2019, p. 79-117.



de empoderamento, bem como a revisitar as evidências de quem foi verdadeiramente batizado com o Espírito Santo.

Para nos ajudar nessa análise, podemos, ainda, verificar essa dinâmica *crise-processo- crise*, com o auxílio das contribuições do antropólogo franco-holandês Arnold van Gennep (1873-1957), a partir de seu livro *Les rites de passage* (Os ritos de passagem). Arnault e Alcântara e Silva (2016) explicam que van Gennep decompõe os ritos de passagem em três categorias: “ritos de separação” (*séparation*), “ritos de margem” (*marge*) e “ritos de agregação” (*agrégation*). Eles ainda explicam que os ritos de separação são chamados de preliminares, os de margem são chamados de liminares e os de agregação são chamados de pós-liminares. Ademais, “todos os ritos de passagem contêm as três fases, porém cada qual enfatiza um dos aspectos da passagem”.

42

Partindo do entendimento do Movimento de Santidade a respeito das duas obras da graça, podemos verificar as três categorias em ambas, que podem ser consideradas rituais de passagem. *A primeira obra da graça* é a salvação, quando o Espírito Santo opera a regeneração, a justificação e a adoção, que são benefícios da expiação que ocorrem concomitantemente. *A segunda obra da graça* é a inteira santificação, operada pelo batismo com o Espírito Santo. O teólogo nazareno William Greathouse¹⁹ (2002, p. 80) definiu essas duas obras dizendo que a restauração da imagem de Deus é um processo que envolve uma série de crises nas quais o crente é liberto: “(1) da culpa e do poder do pecado (na conversão), (2) da raiz e permanência do pecado no ser (na inteira santificação) e (3) finalmente dos efeitos do pecado (na glorificação)”.

Na primeira obra da graça, os ritos de separação e margem quase que se fundem. A ideia é que eles ocorrem enquanto a graça preliminar é efetuada. Por meio da graça preveniente, a pessoa é atraída para a presença de Deus, sendo *separada* de sua condição de depravação total,

19 William Greathouse (1919-2011) foi teólogo nazareno, autor de várias obras na área de doutrina de santidade. Ele atuou como presidente das instituições Trevecca Nazarene College e Nazarene Theological Seminary, além de ter servido como Superintendente Geral da Igreja do Nazareno por quase duas décadas.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

para uma iluminação irresistível do Espírito Santo. Collins²⁰ (2010, p. 108) salienta que isso ocorre devido ao “fato de homens e mulheres na condição natural [de depravação total] não terem nem mesmo a liberdade de aceitar nem de rejeitar nenhuma graça oferecida, então esse dom, em si mesmo, tem de ser restaurado de forma graciosa e *irresistível*”. Sobre essa primeira fase, Oden (1994, p. 243) declarou que a graça preveniente (também chamada de preventiva) é aquela que “inicia a capacitação para que alguém, posteriormente, escolha cooperar com a graça salvadora”. Oden (1994, p. 243) ainda acrescenta que, essa graça inicia porque é a primeira “marcha no motor da graça que capacita o indivíduo a se mover da inércia de maneira que gradualmente o ser humano vai sendo trazido à velocidade [maior]” e “traz o reconhecimento inicial de que um estágio mais decisivo é possível”.

Por meio desse reconhecimento de um estágio potencial diferente, a pessoa adentra ao estágio de *margem*, quando a graça convincente leva o indivíduo a uma compreensão de sua realidade espiritual. Este estágio, contudo, pode ser resistível. Por isso, Gutenson²¹ (2008, p. 249) explica que, “antes que alguém possa ser transformado, esse alguém precisa ver a necessidade de transformação”, de modo que a função dessa graça “é trazer à consciência o alerta de que existe uma disparidade entre a condição atual do ser humano e a condição desejada por Deus”. Assim, a graça convencidora “ajuda a humanidade a ver sua pecaminosidade e a alienação de Deus” (Gutenson, 2008, p. 249). Knight²² (2014, p. 21) também expõe que a graça convencidora “nos desperta de nossa condição de pecadores que estão diante de um Deus justo”, de modo que ela dissipa “as nuvens de ilusão” que cobrem “nosso entendimento e reconhecemos o pecado preso que está sobre nossas vidas”.

A graça preliminar leva, ainda, à contrição. Uma vez que ela é resistível, a experiência de crise salvífica (regeneração, justificação e adoção) ocorrerá após a resposta positiva à ação da graça. Por isso é

20 Kenneth J. Collins é ministro da Igreja Metodista Unida e professor de Teologia Histórica e Wesleyana no AsburyTheological Seminary.

21 Charles Gutenson é ministro da Igreja Metodista Unida e atuou como Professor de Filosofia e de Teologia do Asbury Theological Seminary.

22 Henry H. Knight é ministro da Igreja Metodista Unida e professor de Teologia Wesleyana na Saint Paul School of Theology.



que Neal²³ (2014, p. 24) conceitua contrição como sendo “se sentir afligido e pesaroso pelo pecado”, mas não meramente uma tristeza sentimental, senão uma compreensão apavorante por estarmos “separados de Deus”. Trata-se, portanto, de uma sensação da necessidade de perdão imediato. Havendo uma resposta sinérgica para com essa ação da graça, o Espírito opera a salvação no indivíduo, que experimenta, desde então, a *agregação*. A adoção e a união mística com Cristo são os elementos espirituais deste rito agregacionista, por meio do qual a pessoa passa a fazer parte do Corpo de Cristo, da Igreja Mística.

Os teólogos do Movimento de Santidade, entretanto, entendem que a regeneração traz uma espécie de libertação parcial dos efeitos do pecado inato. White²⁴ (1954, p. 35) deixou essa premissa clara ao declarar que, “quando alguém se converte, é perdoado de seus atos pecaminosos. Ele também é liberto do poder do pecado inato ou original, mas não é purificado de sua presença”, o que “resulta numa batalha interna intensa entre o Espírito de Cristo, que vem quando a pessoa nasce de novo, e a mente carnal ou natureza maligna que ainda resta”. John Wood²⁵ (s.d., p. 31) declarou que: “a implantação da vida espiritual não destrói a mente carnal; embora se lhe enfraqueça o poder, ela não deixa de existir. Conquanto o novo nascimento seja o início da purificação, é, talvez mais o processo de comunicação ou geração de vida espiritual” que ocorre “na santificação completa” a qual realiza “a extirpação da impureza remanescente da natureza humana regenerada”. Deste modo, os expoentes do Movimento de Santidade entendiam que ocorria um processo até a nova crise, isto é, a da inteira santificação.

Pensando nos ritos de separação, margem e agregação de Van Gennep, podemos identificar que o estágio preliminar na teologia do Movimento de Santidade é uma ação da graça santificadora que atua no agora não mais pecador, mas crente, o desejo de vencer suas fraquezas

23 Gregory Neal é ministro e teólogo da Igreja Metodista Unida.

24 Stephen S. White foi um teólogo nazareno que atuou como professor de teologia na Olivet Nazarene College.

25 John A. Wood (1828-1905) escreveu, originalmente este livro, *Purity and Maturity*, em 1876. Ele foi pastor da antiga Igreja Metodista Episcopal que recebeu treinamento teológico de William Hill, um metodista que fora discípulo da Sra. Phoebe Palmer. Wood atuou com bastante intensidade no trabalho itinerante em suas campanhas evangelísticas e de Camp Meetings.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE: UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

e quedas. Como este indivíduo se dá conta de sua incapacidade para tal tarefa, ele entra num estágio liminar, numa crise interna de reconhecimento que apenas a graça divina pode mudar essa condição. O teólogo nazareno Richard Taylor²⁶ afirmou:

Na vida cristã, há uma sequência usual de eventos e experiências espirituais. Pode-se dizer que começa com o despertamento da convicção e do arrependimento, e culmina com a justificação, com a primeira mudança crucial. Depois seguem o crescimento, a descoberta dos obstáculos e os desânimos. Com o tempo, há um reconhecimento doloroso do pecado interno. Este reconhecimento culmina em um novo estado de convicção, com frequência acompanhado de vacilações e tentações para ceder ao abatimento. Neste ponto, provavelmente há tentativas para remediar a necessidade espiritual mediante o esforço próprio com uma disciplina mais intensa (criando assim um eco de Romanos 7). Porém, à medida que se aprofunda este desejo espiritual, há uma crise maior de confrontação com Deus, que resulta em rendição total e em plenitude do Espírito Santo. Este é a segunda mudança maior. Depois se experimenta o poder investido e a liberdade. [...] Depois da segunda maior crise, a vida espiritual estará em um nível superior, e normalmente o progresso será mais rápido e contínuo (Taylor, 1999, vol. 3, p. 148).

45

Metz²⁷ (1971, p. 252) destacou que, “a inteira santificação é uma crise experiencial na peregrinação espiritual do ser humano”. O termo peregrinação é interessante porque demonstra as necessidades de mudança, de transição e de atingir um *telos*. Por isso, ainda sobre esse aspecto liminar, também temos uma abordagem alegórica de John Wood que serve para ilustrar a ideia do rito de margem da inteira santificação:

Os israelitas não atravessaram gradualmente o rio Jordão enquanto peregrinavam pelo deserto, nem ao atravessar o deserto em direção ao Jordão. Não estavam entrando em Canaã quando atingiram as margens do Jordão. Não estavam entrando em Canaã quando se aproximaram do Rio; nem estavam fora do deserto ou em Canaã quando atingiram as margens do Jordão. Aproximar-se do rio e atravessá-lo foram duas coisas distintas. Permaneceram peregrinando no deserto quarenta anos depois de armarem tendas a primeira vez às suas margens, a vista daquela terra bendita que manava leite e mel (Wood, [s.d.], p. 50).

26 Richard S. Taylor (1912-2006) foi um ministro e teólogo nazareno que atuou como professora Northwest Nazarene College (atualmente University).

27 METZ, Donald S. *Studies in Biblical Holiness*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1971, p. 252. Metz (1916- 2008) foi teólogo nazareno e professor de literatura bíblica e religiosa da Mid-America Nazarene College.



Quanto ao hiato cronológico entre as duas crises, McClurkan²⁸ (1951, p. 31) assinalou que “não é necessário que transcorra muito tempo depois da conversão para que o cristão sinta em si algo enigmático sobre o qual Satanás se compraz em julgar”. Essa experiência começa quando “a natureza adâmica, o corpo do pecado, que fazem sua vida espiritual oscilar, impulsionando-lhe a clamar juntamente com São Paulo: ‘Miserável homem que sou. Quem me livrará do corpo desta morte?’” (McClurkan, 1951, p. 31). Contudo, para que tal experiência ocorra, os teólogos do Movimento de Santidade orientam que deve haver algumas práticas colaborativas. A primeira pessoa a propor este “caminho” para a experiência da inteirasantificação foi a Sra. Phoebe Palmer. De acordo com ela, três elementos eram essenciais para que alguém fosse batizado com o Espírito: 1) a inteira consagração; 2) a fé, pois não é efeito de obra humana; e 3) a confissão. O primeiro ponto dizia respeito aos exercícios espirituais (oração, jejum, leitura bíblica etc.) e à separação quanto a práticas que não estão de acordo com a moralidade cristã; o segundo tem a ver com a crença e o desejo pela experiência; o último, por sua vez, era o reconhecimento dos ídolos do coração e a entrega dos mesmos no Altar de Deus. Por isso, inclusive, foi que as ideias da Sra. Palmer ficaram conhecidas como “Teologia do Altar” (Palmer *apud* Weathley, 1876, p. 43-44).

Taylor (1999, p. 172-179) enumerou os seguintes itens predecessores da inteira santificação: 1) arrependimento nos crentes (não no mesmo sentido do arrependimento para a salvação); 2) primazia da oração; 3) a intensificação do desejo de obter a experiência; e 4) a consagração, que deve ser realizada com dedicação / separação, concentração / foco e mortificação. Numavisão mais contemporânea, Dunning (2019, p. 447) alegou que os elementos que precedem a experiência do batismo com o Espírito Santo são: 1) arrependimento; 2) mortificação; e 3) fé. De acordo com ele, este arrependimento é diferente daquele que precede a justificação. No primeiro, há o reconhecimento da condenação eterna e no segundo a consciência da

28 James McClurkan (1861-1914) foi pastor da Igreja Presbiteriana de Cumberland. Dois anos depois de experimentar a inteira santificação por meio do ministério de Beverly Carradine, associou-se ao *Christian and Missionary Alliance* (CMA) e fundou o ministério independente *Pentecostal Alliance*. Ele também foi fundador da *Pentecostal Literary and Bible Training School*, que atualmente é a *Trevecca Nazarene University*.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

permanência do pecado interior. Trata-se, em outras palavras, de uma crise individual sobre a condição de pecaminosidade e do desejo íntimo para vencer essa condição. A mortificação, para Dunning (2019, p. 447), é uma operação sinérgica entre Deus e o ser humano e de gradualidade na santificação. Finalmente, quanto à fé, Dunning (2019, p. 447) asseverou que se trata da “confiança nas promessas de Deus para libertar do pecado interior”.

Como aspecto *agregacional* deste rito de passagem, podemos destacar um dos propósitos do batismo com o Espírito Santo, que é o empoderamento para o serviço. Essa compreensão tem a ver com um dos significados dos vocábulos bíblicos para santificação. Grider²⁹ explica que nem sempre a palavra “santo” teve conotações éticas / morais. Muitas vezes, o significado etimológico dizia respeito a “separar” alguém para alguma tarefa. Assim, ele explica: “Uma indicação disso é o fato de que prostitutas, as quais estavam conectadas com templos pagãos como forma de servir ao deus ou deuses da fertilidade, eram chamadas de ‘santas’. Elas não eram santas, num sentido ético”, mas “eram chamadas santas porque eram pessoas separadas para uma o uso especial a serviço de seus deuses” (Grider, 1980, p. 17-18). Ele também usa Jesus como exemplo para esse raciocínio. Na oração sacerdotal, Jesus disse: “por eles me santifico a mim mesmo” (Jo 17:19). Visto que Cristo não tinha nenhum pecado, então sua santificação / separação não era num sentido ético, mas “de se separar para ser usado por Deus Pai e para ir para a cruz por nós” (Grider, 1980, p. 18). Dunning (2004, p. 187) também explicou que “santificação é a única metáfora salvífica derivada de um contexto religioso distinto, e seu contexto original era litúrgico”, cujo “significado primário é ‘separar’. Por meio de um ritual de consagração algo ou alguém é separado para pertencer a Deus ou para ser usado para seu serviço”.

Essa ideia estava presente no século XIX. McClurkan (1951, p. 83, 85) declarou que, “o Senhor não permitiu que a Igreja saísse à grande comissão no mundo sem antes ser batizada pelo Espírito Santo” e que “a limpeza completa deve preceder o serviço mais efi-

²⁹ Kenneth Grider (1921-2006) foi um ministro nazareno e professor do Nazarene Theological Seminary e da Olivet Nazarene University. Ele foi um importante teólogo sistemático nazareno.



ciente”. Wood (1965, p. 115) defendeu que “a santidade [completa] é o principal elemento da eficiência no ministério. [...] Os discípulos receberam a grande comissão [...] mas não estavam preparados para a obra sem a promessa do Pai – o revestimento de poder”.

No século XX a ideia também estava bem consolidada, de modo que Weatherford³⁰ (1971, p. 100) declarou que, “o batismo no Espírito Santo [...] é chamado de revestimento com poder, projetado para fornecer equipamento completo para um serviço eficaz”. Metz, por sua vez, defendeu que a regeneração e a justificação inserem a pessoa no Reino de Deus e que a inteira santificação empodera o indivíduo para trabalhar mais ativa e exitosamente neste Reino. “Aqueles que são perfeitos nesse sentido [i.e., inteiramente santificados] são plenamente preparados e adequadamente equipados para o serviço no Reino de Deus” (Metz, 1971, p. 93), pois “a santidade é o ponto de partida para o serviço no Reino” (Metz, 1971, p. 108). Grider, entretanto, achava que, apesar de o conceito estar consolidado, a ênfase estava em descendência. Por isso, ele fez um apelo aos seus leitores, dizendo: “[...] não temos enfatizado adequadamente o poder. [...] O Movimento de Santidade deveria enfatizar melhor esse aspecto do Pentecostes [...] e admitir melhor que esse poder significa poder para testemunhar acerca de Cristo” (Grider, 1980, p. 26).

No Movimento de Santidade, portanto, há uma evidente necessidade de buscar essa segunda experiência. Isso porque ela promove uma vida vitoriosa (embora não inerrante) tanto em nível de santificação individual, como de proclamação das boas novas. Ela também promove outras questões importantes, como a maturação do cristão, no sentido da perfeição (*teleiosis*) cristã. Contudo, esse é um aspecto a ser desenvolvido em outra oportunidade, pois não cabe neste ensaio. De qualquer modo, *crise* e *processo* ainda são objetos de tensão na tradição do Movimento de Santidade. Qual delas seria a abordagem mais adequada?

30 Fred M. Weatherford (1888-1980) se converteu numa Igreja Metodista, mas se filiou a uma Igreja Batista. Depois de mais de uma década como batista, ouviu um sermão sobre a inteira santificação realizada por um ministro da Igreja do Nazareno, creu na mensagem, e se filiou a esta denominação, onde posteriormente se tornou pastor.

3. CRISE OU PROCESSO? NOVAS ÊNFASES DO MOVIMENTO DE SANTIDADE

A ênfase, do Movimento de Santidade, na crise da inteira santificação não foi vista com bons olhos pelo metodismo no século XIX. Dayton³¹ (2012, p. 11) explica que, desde a década de 1860, associações, presbíteros e ministros leigos estavam “cada vez mais em conflito com a liderança metodista”. Uma das formas como os metodistas se dirigiam aos adeptos do Movimento de Santidade era por meio da palavra *crankfication*, fazendo um trocadilho com *sanctification*, que embora não tenhamos uma tradução correspondente para o português, a ideia que mais se aproxima de sua expressão é “maníacos da santificação” (COUTO, 2019, p. 114). A crítica deles residia em várias circunstâncias. As principais delas diziam respeito ao caráter aparentemente não mais progressivo da santificação, à impecabilidade, à dificuldade de explicar a libertação (extirpação / erradicação) do pecado inato e às duas categorias de crentes (carnal e espiritual). Praticamente, todos os livros de teólogos do Movimento de Santidade citados aqui sempre dedicam um espaço para explicar as más compreensões sobre a “inteira santificação”.

McClurkan escreveu um capítulo chamado “Respostas a algumas objeções”, trazendo alguns apontamentos para desmitificar as críticas. Wood lidou com as críticas no decorrer do texto e não num capítulo à parte, pois seu livro segue um estilo parecido com um catecismo. Ele faz perguntas objetivas e as responde de maneira indutiva. Muitas dessas perguntas estão ligadas às críticas. White dedicou dois capítulos para essa tarefa, intitulados “A principal objeção ao termo erradicação” e “Outras objeções ao termo erradicação”. Grider escreveu o capítulo “Perguntas frequentemente realizadas”. Os outros livros sempre se encarregam de lidar com as objeções no corpo do texto.

As objeções foram tão grandes que, em 1893, a conferência de

31 Donald Dayton (1943- 2020) foi um importante estudioso do Movimento de Santidade e do pentecostalismo, além de membro da Wesleyan Church, uma denominação do Movimento de Santidade. Ele atuou como professor de Teologia Histórica em várias instituições, como Drew University, Asbury Theological Seminary, Northern Baptist Theological Seminary e Azusa Pacific University.



West Tennessee aprovou uma resolução proibindo trabalhos autônomos de evangelistas. Para Smith (1962, p. 153), essa decisão foi radical, pois “a conferência pediu aos seus membros que recusassem o apoio financeiro ou o uso de seus prédios de igreja para esses pregadores”. Muitos ministros chegaram a ser expulsos desde a década de 1870 e outros acabaram saindo de suas denominações e criaram outras. Algumas das principais novas denominações a serem destacadas são: *Church of God* [Anderson] (Igreja de Deus – Anderson) fundada em 1881 por D. S. Warner; a *Church of God* [Holiness] (Igreja de Deus – Santidade) fundada em 1883. Nesse mesmo ano foi fundada a *Bethren in Christ Menonite Church* (Igreja Menonita Irmãos em Cristo). Em 1894 surgiu a *United Evangelical Church* (Igreja Evangélica Unida); em 1897 a *International Apostolic Holiness Union* (União Apostólica Internacional de Santidade), que posteriormente, em 1922 mudou o nome para *Pilgrim Church* (Igreja Peregrina). Em 1901 surgiu a *Holiness Methodist Church* (Igreja Metodista de Santidade). Em 1907 nasceu a *Church of God in Christ* (Igreja de Deus em Cristo). Em 1935 a *God’s Missionary Church* (Igreja de Deus Missionária). Três anos depois surgiu o *People’s Christian Movement* (Movimento Cristão do Povo), que mais tarde setornou a *People’s Methodist Church* (Igreja Metodista do Povo). Em 1946 surgiu a *Evangelical Methodist Church* (Igreja Metodista Evangélica). Nove anos mais tarde, 1955, foi fundada a *Bible Missionary Church* (Igreja Missionária da Bíblia). E, em 1968, com a união de duas denominações, a *Evangelical United Brethren Church* (Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos) e a *Methodist Church* (Igreja Metodista), foi organizada a *United Methodist Church* (Igreja Metodista Unida).

As críticas não eram de todo infundadas. Howard Snyder (2011, p. 82) declarou concordar “em grande parte com a crítica de que o Movimento de Santidade do século XIX enfatizou sobremaneira a crise e menosprezou o processo na obra de santificação”. Muito disso se deve ao fato de diversos expoentes do Movimento de Santidade terem se distanciado de Wesley e, até mesmo, de não conhecerem suas propostas mais a fundo. A teóloga nazarena Mildred Bangs Wynkoop³² falou

32 Mildred Bangs Wynkoop (1905-1997) foi uma ministra e teóloga da Igreja do Nazareno, estudiosa da teologia armínio-wesleyana e que atuou em diversas instituições, como Western

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

algo muito semelhante a isso. De acordo com ela, um exame da “longa lista de livros e panfletos impressos e recomendados para o povo [do Movimento] de Santidade, mostra que na medida em que o século XIX progredia, havia cada vez menos disponibilidade dos escritos primários de Wesley” (WYNKOOP, 1979, p. 77). Ela ainda declara que, em seus dias, as obras de Wesley eram “tão limitadas e caras que a maioria dos pregadores e estudantes [do Movimento] de Santidade nunca leram Wesley e, frequentemente, mantinham de maneira firme que não são exatamente wesleyanos” e lamentou que “uma preciosa herança está ficando marginalizada” (WYNKOOP, 1979, p. 77-78).

Dunning também reconheceu o mesmo problema. De acordo com ele, “outros dentro da minha tradição, incluindo a mim mesmo, ao fazer uma pesquisa mais avançada, têm descoberto Wesley ‘diferente’ daquele que aprendemos a respeito nas pregações e aulas populares” (DUNNING, 2004, p. 203). “Dentre esses vários contrastes”, ele ainda destaca, “nossa descoberta foi de que o entendimento dele era de equivalência entre o batismo pentecostal no Espírito Santo e o ensino da inteira santificação” (DUNNING, 2004, p. 203). Nesta redescoberta de Wesley, tem-se percebido que sua ênfase se dava mais no processo do que na crise, propriamente dita. Tanto que sua experiência na Rua Aldergate não obteve espaço para tanta ênfase em sua própria teologia, sendo um adicionamento norte-americano posterior e uma releitura do Movimento de Santidade. Deste modo, uma tendência contemporânea no Movimento de Santidade tem sido de valorizar o processo, bem como entender que existem mais crises (i.e., experiências) na trajetória cristã do que apenas a salvífica e a do batismo com o Espírito. Sobre esse ponto, Cheryl Johns³³ (2008, p. 162) declarou que, “a salvação é [...] iniciada por uma crise e a jornada cristã é marcada por momentos de crise. O desenvolvimento toma o seu lugar entre os momentos de crise”. Nesse sentido, deve haver espaço para mais experiências, visto que, “se enxergarmos a crise como algo normativo da jornada cristã, aprenderemos a abraçar seus caminhos misteriosos

Evangelical Seminary, Japan Nazarene Theological Seminary, Trevecca Nazarene College e Nazarene Theological Seminary.

33 Cheryl Bridges Johns é pastora da Igreja de Deus de Cleveland, uma igreja do Movimento de Santidade, e professora do Pentecostal Theological Seminary e do Church of God Theological Seminary.



e selvagens. Deus está nas crises e opera por meio das crises para aprofundar nosso relacionamento com Ele” (JOHNS, 2008, p. 163). Essa compreensão parece não apenas se alinhar com Wesley, mas até mesmo com Fletcher. Noutra ocasião, este disse:

Você deve estar perguntando quantos batismos, ou efusões do Espírito Santificador são necessários para purificar um crente de todo pecado e acendersua alma para o perfeito amor. [...] Devo trair uma tentativa de modéstia se eu estabelecer para as operações do Espírito e para as energias de fé, uma regra que não é estabelecida nas Escrituras. Se você perguntar para o seu médico quantas doses de medicamento você deve tomar para curar seu estômago e para que seu apetite seja perfeitamente restaurado, ele provavelmente lhe responderia que dependeria da natureza das feridas estomacais, do poder do medicamento e da maneira como seu organismo irá reagir a ele. Assim, em geral, você precisará repetir a dose tantas vezes quantas você suportar, até que o remédio tenha correspondido ao propósito. Assim, devolvo outra resposta similar: se um único poderoso batismo no Espírito “selar você até o dia da redenção e lhe purificar de todas as imundícias [morais]”, muito melhor. Se dois ou mais forem necessários, o Senhor poderá repeti-los. [...] Antes que possamos estar classificados entre os cristãos aperfeiçoados, devemos recebero máximo da verdade e do Espírito de Cristo pela fé para termos o puro amor a Deus e ao próximo derramado no exterior de nossos corações pelo Espírito Santo (Fletcher, 1859, vol. 6, p. 167-168).

Apesar de Wesley não concordar com essa multiplicidade de batismos com o Espírito proposta por Fletcher, sua perspectiva mais conectada com o processo está em certo acordo com o que seu amigo declarou, no sentido de uma santificação que envolve um crescimento continuado teleológico que visa chegar à estatura do varão perfeito (i.e., Jesus Cristo). É por essa razão que Wesley defendia uma perspectiva de santidade mais cristocêntrica, ressaltando a importância de andarmos como Jesus andou e da restauração da imagem de Deus. No entanto, ele entendia que poderia haver algum diálogo com a perspectiva de Fletcher e comentou sobre isso numa de suas cartas endereçadas a este seu amigo:

Parece que nossa visão sobre a perfeição cristã é um pouco diferente, apesar de não serem opostas. É certo que todo bebê em Cristo tenha recebido o Espírito Santo e o testemunho do Espírito em seu espírito de que ele é um filho de Deus. Mas ele ainda não recebeu a perfeição cristã. Talvez você não tenha considerado as três distinções de São João acerca dos cristãos: crianças, jovens e pais. Todos esses receberam o Espírito Santo, mas apenas os pais é que foram aperfeiçoados em amor (Wesley, 1931, vol. 6, p. 146).

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

Nesse texto, Wesley estava criticando a noção fletcheriana de duas classes de cristãos (carnal e espiritual) afirmando que as diferenças se dão pelos graus de fé, num sentido de maturidade. Ele repete esse argumento no sermão #83, “Sobre a paciência” (cf. Wesley, 2006). A similaridade entre as posições de Wesley e Fletcher residem no fato de que a palavra “santificação”, sem adjetivos, tem um sentido mais amplo. Trata-se do caminho completo da vida cristã, constituído de três fases. De acordo com Dunning (2019, p. 459), a primeira fase é a *santificação inicial*, também chamada de regeneração; a segunda é a *inteira santificação*, isto é, a graça santificadora divina operada por meio do batismo com o Espírito Santo; e a terceira fase é a *santificação final*, ou glorificação, plena salvação. Dunning (2019, p. 459) ainda explica que entre a segunda e terceira fase há o crescimento na graça, ou o “progressivo desenvolvimento rumo à plena salvação”, cujo objetivo é “restaurar o ser humano, de acordo com seu destino original”. Tanto em Wesley quanto em Fletcher, está presente essa ideia teleológica de chegar à estatura do varão perfeito ou de alcançar a santificação final.

Qualquer ênfase monológica (apenas na crise ou no processo) fará com que a percepção da santificação seja manca. Ambas são importantes e estão diretamente interligadas. Uma proposta de equilíbrio entre crise e processo foi feita pelo teólogo nazareno Thomas Noble³⁴. Num ilustração sobre a jogada *hole in one* do golfe, ele demonstra que “o jogador de golfe não apenas faz uma jogada perfeita, uma vez que a bola cai no buraco [logo na primeira tacada]”, pois “mesmo enquanto a bola navega maravilhosamente pelo ar, ela [já] é uma jogada ‘perfeita’” (Noble, 2015, p. 35). Ele explica que tal jogada já é “perfeita” desde o “momento em que ele bate na bola” e é por isso “que ela pousa no buraco em única jogada” (Noble, 2015, p. 35). Os processos precisam das crises e as crises dos processos. Sem a escolha correta do taco, sem a análise dos fatores climáticos, sem o cálculo da intensidade para bater na bolinha e sem a batida na bolinha, ela não fará seu percurso rumo ao *telos* (buraco).

34 Thomas Noble é um teólogo nazareno, além de professor e pesquisador de teologia wesleyana e de teologia sistemática no Nazarene Theological Seminary. Ele também já lecionou na Nazarene Theological College, sediado em Manchester.



Uma vez que a vida cristã é feita de desafios, conflitos, bênçãos, vitórias, altos, baixos e tantas outras coisas, resumi-la a apenas uma experiência ou duas seria improdutivo. Por isso, o nazareno Thomas Jay Oord³⁵ (2014, p. 482) também comenta que a caminhada cristã “é mais sobre processo do que crise”, levando em consideração o “crescimento na graça” e a “cooperação contínua” do crente com o Espírito. Mesmo ao assumir que ocorrem várias crises, é preciso discernir que elas não ocorrem a todo momento e tampouco com uma frequência grande. Enganam-se aqueles que pensam que os profetas tinham experiências extáticas todos os dias e que os apóstolos experimentavam o sobrenaturalismo a todo instante. Assim, o estabelecimento de uma posição equilibrada de que crises renovadoras ocorrem esporadicamente e de que os processos são tão importantes quanto as experiências para a maturação do indivíduo não apenas é mais bíblico, como também está de acordo com a tradição cristã, é mais razoável para o exercício da razão e é melhor constatada pela experiência eclesial comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento de Santidade é herdeiro direto da teologia wesleyana. Entretanto, em alguns aspectos, esse movimento acabou seguindo mais o pensamento de John Fletcher do que o do principal líder do movimento metodista, John Wesley. Um desses aspectos está relacionado com a discussão de crise e processo e de seus relacionamentos com o batismo com o Espírito Santo. Enquanto para Wesley, a perfeição cristã ocorre simultaneamente com a justificação e adoção (sendo usado às vezes de maneira intercambiável como regeneração); para Fletcher, essa experiência é subsequente à regeneração. Isso representou uma modificação não apenas no *modus operandi* da inteira santificação, mas na ênfase teológica da mesma, que mudou de cristológica para pneumatológica, antecipando, inclusive, a ênfase do movimento pentecostal do século XX.

Constatou-se, também, que o batismo com o Espírito Santo na modificação pneumatológica do Movimento de Santidade, passou a ser

35 Thomas Jay Oord é ministro da Igreja do Nazareno e professor de filosofia e teologia na *Northwest Nazarene University*. Ele também já lecionou na *Eastern Nazarene College*.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

vista como uma relação de causa x efeito, de modo que algumas das principais consequências deste batismo são a inteira santificação (ou perfeição cristã) e o empoderamento para o serviço. Deste modo, percebeu-se que tanto a primeira quanto a segunda obra da graça, são ritos de passagem que contêm separação, margem e agregação. Mesmo assim, as principais ênfases dessas duas obras da graça recaem sempre mais na crise do que no processo. Contudo, ao investigar a opinião mais atual de estudiosos do Movimento de Santidade, a tendência tem sido tanto valorizar mais o processo quanto entender que existem mais *crises de renovação* na peregrinação cristã. Essa nova percepção está mais de acordo com aquilo que foi chamado outrora de quadrilátero wesleyano: Escrituras, Tradição, Razão e Experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAULT, Renan & ALCANTARA E SILVA, Victor. 2016. Os Ritos de Passagem. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/os-ritos-de-passagem>. Acesso em: 26 jan. 2023.

CANNON, William Ragsdale. *The theology of John Wesley: with special reference to the doctrine of justification*. New York / Nashville: Abingdom Press / Cokesbury Press, 1946.

COLLINS, Kenneth J. *Teologia de John Wesley: o amor santo e a forma da graça*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

COUTO, Vinicius. *Uma igreja do povo e para o povo: santidade, irenismo e avivamento na história da Igreja do Nazareno*. São Paulo: Reflexão, 2019.

CRESSWELL, Julia. *Oxford Dictionary of Word Origins*. New York / Oxford: Oxford University Press, 2021.

DAYTON, Donald. *American Holiness Movement*. Wilmore: First Fruit Press, 2012.

DUNNING, H. Ray. A Wesleyan Perspective on Spirit Baptism. In: BRAND, Chad Owen. *Perspectives on Spirit Baptism: 5 views*. Nashville: B & H Academic, 2004, p. 181-229.

DUNNING, H. Ray. *Graça, fé e santidade: uma teologia sistemática wesleyana*. Campinas: Nazalivros, 2019.

DUNNING, H. Ray. *Refletindo a imagem divina: ética crista na perspectiva wesleyana*. Maceió: Sal Cultural, 2015.



FLETCHER, John. *The Works of the Rev. John Fletcher*, vols. 2, 5 e 6. London: John Mason, 1859.

GENNEP, Arnold van. *The rites of passage*. Chicago: The University of Chicago Press, 1960.

GREATHOUSE, William. *Aperfeiçoando o amor: fundamentos para a vida de santidade*. Campinas: Casa Nazarena de Publicações, 2002.

GRIDER, Kenneth. *Entire Sanctification: the distinctive doctrine of Wesleyanism*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1980.

GUTENSON, Charles. The Canonical Heritage of the Church as a Means of Grace. In: ABRAHAM, William; VICKERS, Jason; KIRK, B. Van (Eds.). *Canonical Theism: a proposal for theology & the church*. Grand Rapids: Eerdmans, 2008, p. 244-255.

HEATH, Elaine A. *Naked Faith: the mystical theology of Phoebe Palmer*. Cambridge: James Clarke & Co, 2010.

JANTZ, Adam. Crisis, Process, and Diversity in Holiness. In: BROWARD, Josh; OORD, Thomas. *Renovating Holiness*. Boise: Elevate Faith, 2014, p. 233-235.

JOHNS, Cheryl Bridges. Transformed by Grace: The Beauty of Personal Holiness. In: MANNOIA, Kevin W.; THORSEN, Don (Eds.). *The Holiness Manifesto*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008, p. 152-165.

KNIGHT, Henry H. *Anticipating Heaven Below: Optimism of Grace from Wesley to the Pentecostals*. Eugene: Cascade Books, 2014.

LECLERC, Diane. Phoebe Palmer: spreading “accessible” holiness. In: KNIGHT III, Henry H. (Org.). *From Aldersgate to Azuza Street: Wesleyan, holiness and Pentecostal visions of the new creation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2010, p. 90-98.

MADDOX, Randy. *Responsible Grace: John Wesley’s practical theology*. Nashville: Kingswood Books, 1994.

MADDOX, Randy. *Wesley’s understanding of Christian perfection: in what sense pentecostal?* *Wesleyan Theological Journal*, v. 34, n. 2, p. 78-110, 1999.

MANN, Mark H. *Perfecting grace: Holiness, Human Being and the Sciences*. New York: T & T Clarck, 2006.

MATTOS, Paulo Ayres. Wesley versus Fletcher: um quipropró teológico sobre o batismo do Espírito Santo. In: SOUZA, José Carlos de (Org.). *Temas atuais de Teologia Wesleyana*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2019, p. 79-117.

MCCLURKAN, James. *Santificados por completo: en qué consiste y cómo puede obtener-se la experiencia*. Kansas City: Beacon

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

Hill Press, 1951.

METZ, Donald S. *Studies in Biblical Holiness*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1971.

NEAL, Gregory. *Grace Upon Grace: sacramental theology and the Christian life*. Bloomington: WestBow Press, 2014.

NOBLE, Thomas. *Trindade Santa, Povo Santo: a teologia da perfeição cristã*. Maceió: Sal Cultural, 2015.

ODEN, Thomas. *John Wesley's Scriptural Christianity: a plain exposition of his teaching on Christian doctrine*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994.

ODEN, Thomas. *John Wesley's teachings*. Grand Rapids: Zondervan, 2012.

OORD, Thomas Jay. Afterword. In: BROWARD, Josh; OORD, Thomas. *Renovating Holiness*. Boise: Elevate Faith, 2014, p. 479-485.

OUTLER, Albert (Ed.). *The works of John Wesley*, vol. 2. Nashville: Abingdom Press, 1985.

RUNYON, Theodore. *A nova criação: a teologia de João Wesley hoje*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.

RUNYON, Theodore. *Exploring the range of theology*. Eugene: Wipf and Stock, 2012.

SMITH, Timothy. *Called unto holiness: church history commission*. Kansas: Nazarene Publishing House, 1962.

SMITH, Timothy. The Doctrine of the Sanctifying Spirit: Charles G. Finney's Synthesis of Wesleyan and Covenant Theology. *Wesleyan Theological Journal*, v. 13, n.1, 1978, p. 92- 113.

SNYDER, Howard A. *The Radical Wesley and Patterns for Church Renewal*. Eugene: Wipfand Stock, 1996.

SNYDER, Howard. *Yes in Christ: Wesleyan Reflections on Gospel, Mission and Culture*. Toronto: Clements Academic, 2011.

STAPLES, Rob. *The current debate on the Baptism with the Holy Spirit*. [s.l]: [s.n], 1979. Material não publicado.

TAYLOR, Richard S. *Explorando la santidade Cristiana: los fundamentos teológicos*, vol.

3. Kansas City: Beacon Hill Press, 1999.

WEATHERFORD, Fred M. *Sanctification: the price of heaven*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1971.

WEATHLEY, Richard. *The Life and Letters of Mrs Phoebe Palmer*. New York: W. C. Palmer Jr., 1876.



DR. VINICIUS COUTO

WESLEY, John. *Letters of the Rev. John Wesley*, vols. 5 e 6. London: Epworth Press, 1931.

WESLEY, John. *Sermões de John Wesley*. São Paulo: Editeo, 2006. 1 CD-Rom.

WHITE, Stephen S. *Eradication: defined, explained, authenticated*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1954.

WOOD, J. A. *O perfeito amor*. Campinas: Editora Nazarena, 1965.

WOOD, J. A. *Pureza e maturidade*. Campinas: Igreja do Nazareno, [s.d.], p. 31. Wood escreveu, originalmente este livro, *Purity and Maturity*, em 1876.

WOOD, Laurence W. *The meaning of Pentecost in early Methodism: rediscovering John Fletcher as John Wesley's vindicator and designated successor*. Lanham: Scarecrow Press, 2002.

WYNKOOP, Mildred Bangs. Theological Roots of the Wesleyan Understanding of the Holy Spirit. *Wesleyan Theological Journal*, v. 14, n. 1, 1979, p. 77-98.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA
TRADIÇÃO DO MOVIMENTO DE SANTIDADE:
UMA PERSPECTIVA DE CRISE-PROCESSO-CRISE

